CEDADE

O Conto de Guernica

Cedade

O Conto de Guernica

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

O Conto de Guernica

Era uma vez uma cidade bombardeada... Um lema das velhas guardas de militantes comunistas dizia: “contra as almas, a mentira”. E parece que, sem restar o lema, restou a ideia. Mentiu-se, mente-se descaradamente, não apenas sobre questões de atualidade política, mas sobre temas que a história ainda não pode aceitar como definitivos, porque são muito poucos os que querem colaborar para escrevê-la seriamente e muitos os que a utilizam como arma política. Guernica é um caso típico de arma propagandística. A verdade não importa.

Os Heinkel He 111 da Luftwaffe, culpados, segundo a lenda, pelo “massacre” de Guernica.

A Segunda Guerra Mundial nos ensinou que a propaganda de atrocidades, manejada habilmente pelos especialistas aliados no assunto, teve um valor fundamental e decisivo na hora de vencer a batalha definitiva, a ideológica. Foi assim: os alemães são os maus e os judeus, criaturas inocentes; isto é o que restou e o que, ainda hoje, por muito tempo ainda, marcou ideologicamente as novas gerações.

Durante a Guerra Civil espanhola morreram, diz-se, um milhão de pessoas. Durante a II Guerra Mundial, foram 52 milhões as vítimas do desastre internacional provocado. Mas, pela primeira vez na história, a guerra se converteu em crime organizado, e os Estados-Maiores aliados enviavam soldados, não para combater contra soldados, mas para assassinar civis. A brutal matança de povos, cidades e monumentos europeus foi total. Só para se ter uma ideia, diremos que, dos nove milhões de desaparecidos do lado alemão, para dar um exemplo, a metade correspondia a civis, em grande parte massacrados pelos bombardeios terroristas. Colônia, Hamburgo, Berlim, Nuremberg, Munique... Hiroshima, com suas 80.000 vítimas, foi um ato selvagem. Mas ainda mais o foi Dresden e suas mais de 250.000 mulheres e crianças, idosos e enfermos que, como cidade livre, se encontravam sob o inferno de duas frotas aéreas, a britânica e a norte-americana, que, uma após a outra, converteram a bela capital da Saxônia em uma verdadeira pira humana, em amálgama com os escombros e as bombas de fósforo. Um crime horrendo, pelo qual ninguém foi julgado até hoje.

A que vem tudo isto, se o tema a tratar é Guernica? Pois bem, deixemos de lado, por ora, a veracidade ou não, a culpabilidade ou não, a má intenção ou não, do suposto bombardeio de Guernica. As cifras fornecidas pelo censo de vítimas assinalam as baixas daquele bombardeio abaixo da centena. As cifras mais altas falam de 300 vítimas[1]. Trezentas!!! diante de dezenas de milhares, centenas de milhares. Uma pequena formação de 53 aparelhos —Castor de Uriarte fala de dezoito[2]— de caça e bombardeio tático contra um objetivo militar e industrial, diante dos 1.000 bombardeiros, por

Estandarte da Legião Condor. Sem ele, a guerra teria tido um final muito diferente. Agora, talvez por isso, continuam sendo culpados.

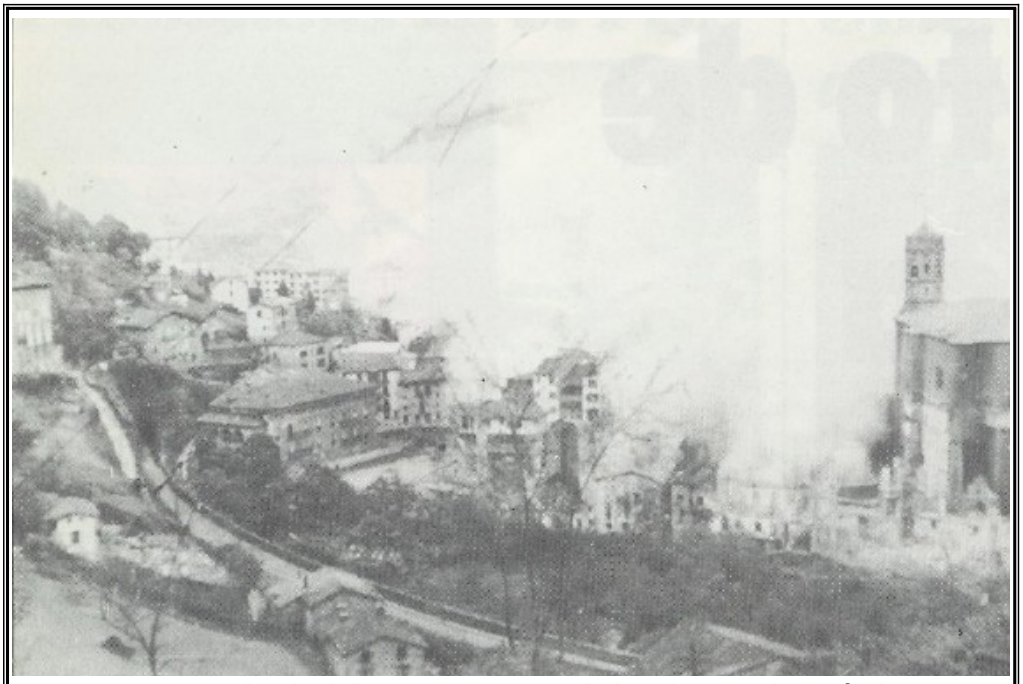
1 Vizcaíno Casas: “Viva Franco, con perdón”
2 Castor de Uriarte em Cambio 16 n.245.

exemplo, do massacre de Colônia, diante de imensas forças aéreas estratégicas dirigidas exclusivamente a destruir cidades e aniquilar civis.

Alguém já ouviu falar de livros, artigos, grandes campanhas propagandísticas ou quadros (!?) sobre Duisburg, Coventry, Colônia ou Dresden? O mundo inteiro fala do “massacre” de Guernica, da maldade intrínseca dos responsáveis pela destruição da cidade, do quadro “Guernica” —aí está o interessante— de Picasso, um bom pintor que preferiu ficar milionário, ser adulado e se transformar numa figura ridícula de propagandista de seus patrões, a continuar sendo um artista e subir ao pódio dos grandes pintores, dos de verdade. Nada foi dito, porque sobre essas cidades não interessava falar.

POR QUE GUERNICA?

Muitos historiadores de suficiente categoria tentaram revelar o que há de falso e verdadeiro no Mito de Guernica. Uns e outros, em maior ou menor grau, pecam, para casa, talvez de forma inconsciente. Mas todos, em conjunto, conseguiram deixar bastante claro o assunto. Guernica foi destruída, de alguma maneira, em 26 de abril de 1937; as fotos são eloquentes por si mesmas. Como e por quê?



Guernica, em 26 de abril de 1937. Fumaça de bombas ou de incêndios? Provavelmente as duas coisas. A árvore histórica e a Casa de Juntas ficaram estranhamente intactas.

Guernica fazia parte importante da linha defensiva do Norte; uma vez ultrapassada a frente Orduña-Ochandiano-Vergara, converteu-se em passagem de ataque e ruptura do "cinturão de ferro" de Bilbao, como se pode ver claramente no mapa anexo[3]. O próprio Adolf Galland, capitão de esquadrilha em um grupo de caça e participante direto no ataque a Guernica, diz: "Nos primeiros meses de sua intervenção, os bombardeiros Condor haviam recebido ordem de destruir uma ponte rodoviária pela qual os vermelhos transportavam suas tropas e grandes quantidades de material de guerra para a tenazmente defendida cidade industrial e portuária de Bilbao"[4].

Depois voltaremos ao relato do piloto nacionalista, mas, por ora, fica bastante claro que a ordem foi atacar a estrada e uma ponte, objetivos táticos estritamente militares, e não, como pretendem alguns, incluindo Ricardo de la Cierva, um ataque premeditado contra a cidade, que servisse de ensaio para futuros bombardeios massivos[5]. Indalecio Prieto, líder socialista e ministro da Defesa da República, comunicou por teletipo ao general Vicente Rojo, que se encontrava na frente, suas impressões sobre os ataques aéreos dos nacionalistas: "O sistema de ataque seguido aí pelo inimigo é exatamente o mesmo que no Norte, e de modo muito singular em Biscaia, onde a aviação efetuou ataques bastante profundos na retaguarda, entre os quais se destacam os de Durango e Guernica, cortando além disso todas as comunicações, pois mantinha seu metralhamento quase constante **sobre as estradas, destruindo ou deteriorando toda classe de veículos, inclusive motocicletas**"[6].

Aqui, Prieto declarou, evidentemente, que o ataque era contra objetivos militares, e confirma os danos sofridos, coisa que ele saberia perfeitamente como ministro da Defesa. Depois veio a criação do Mito, e Prieto confeccionaria, do México, seu famoso documento choraminguento pelo assassinato de Guernica.

Os aviões da Condor não metralhavam os refugiados que haviam escapado do bombardeio, nem os idosos e crianças amontoados nas áreas

3 "Deutsche Kämpfen in Spanien" pág. 17
4 Adolf Galland "Los primeros y los últimos"
5 La Cierva "La Historia se confiesa" 291-292.
6 Coronel José Gomá: "La Guerra en el Aire"

arborizadas e nas estradas, como escreve Ricardo de la Cierva segundo declarações de Dom Alberto de Onaindia[7]. Isto não o digo eu, dizem-no o socialista Prieto e o nacional-socialista Galland, ambos participantes diretos na ação.

Guernica foi ocupada por tropas vermelhas em 25 de abril de 1937; no dia 26 ocorreu sua destruição, e no dia 29, às onze da manhã, era ocupada por tropas nacionais das Brigadas Navarras do Exército do Norte. Um despacho do VI Corpo de Exército, datado do dia 28, assinala: "Continuou o avanço, alcançando-se por último a vila de Durango, que foi bombardeada e ocupada depois de vencer tenaz resistência oferecida pelo inimigo, ajudado por tanques russos. A espessa névoa que desceu sobre os vales impediu a continuação do avanço de nossas tropas, desejosas de entrar em Guernica ao conhecer por fotografias de aviação que o inimigo havia evacuado a população, destruindo-a criminosamente, culpando disso nossas forças aéreas, espécie caluniosa que fica rebatida ao se ver que não há na cidade um só funil de bombas de aviação"[8]. Aqui já se fala dos funis de bombas, que outros autores tocarão. Mas o que se queria era demonstrar que Guernica era frente de combate e objetivo das tropas nacionais em sua marcha rumo a Bilbao e não, como se pretendeu, um objetivo civil sem importância militar sobre o qual seriam lançadas as provas criminosas da futura Luftwaffe.

Se Guernica era ou não objetivo militar, Gordon Thomas e Morgan Witts voltam a confirmá-lo, ainda que tratando-se de uma obra romanceada, em seu livro "O dia em que Guernica morreu", pois, do lado favorável ao governo de Bilbao, admitem o claro interesse militar da vila. Os próprios autores reconhecem que, em 26 de abril, dia da destruição, não era uma idílica segunda-feira de mercado, como foi dito. Reconhecem que Lazcano, delegado governativo, chegou a Guernica no dia 26 de abril de 1937 pela manhã e proibiu a feira e o mercado, e começou a preparar a evacuação da vila, antes que ninguém tivesse ideia de que pela tarde viriam aparelhos da aviação nacionalista. Por que, então, obrigar a população a abandonar suas casas?

7 Ricardo de la Cierva. Opus Cit. pág. 290.
8 Luis Bolín: "España. Los años vitales" 379.

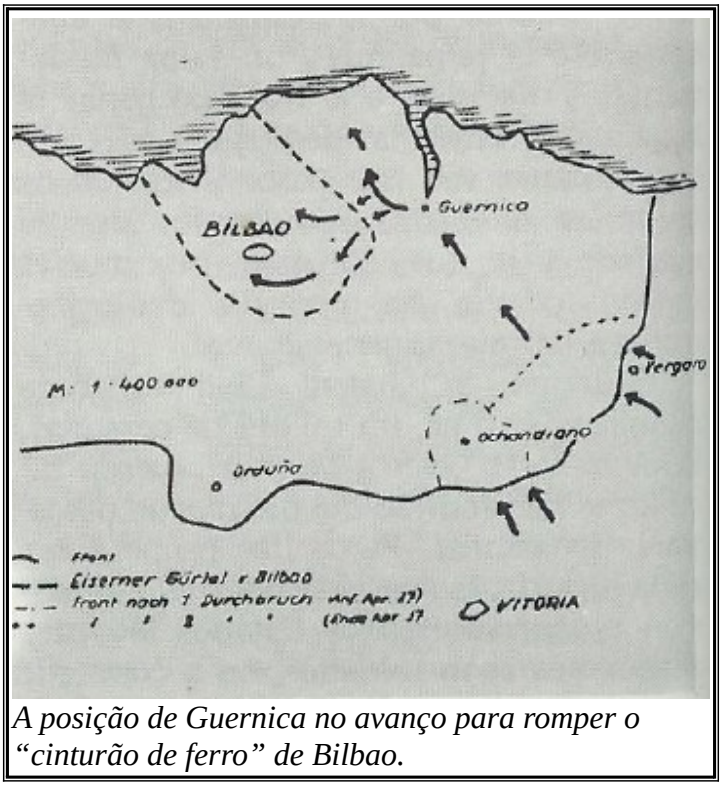
Guernica, além disso, “havia sido escolhida como ponto de contenção da retirada da frente oriental”[9]. Creio que é motivo suficiente para considerar Guernica objetivo militar, se a fábrica de armas Unceta não era suficiente.

O BOMBARDEIO

Sim, aparelhos nacionais, três trimotores italianos e os aviões da Condor despejaram bombas sobre pontos concretos da cidade e de seus arredores.

Segundo o artigo publicado em uma revista espanhola, comentando o livro de Thomas e Morgan Whits[10], foram empregados “43 bombardeiros pesados: quatro Heinkels, vinte e três Junkers, dez He-51 e seis Messerschmitts Bf 109”. Quarenta e três aparelhos!!. Somemos os trimotores italianos e teremos quarenta e seis bombardeiros!!. Sem Arthur Harris, responsável pelo “Bomber Command”, encarregado de transformar a Europa num tapete, ainda estariam morrendo de rir se lhe falassem de 46 bombardeiros. Mas, além disso, os dez Heinkels He 51 que são citados não eram bombardeiros, mas aparelhos de caça, monoplaces e biplanos, já antiquados para sua época. Aceitemos, no entanto, que levassem, como ocorria às vezes, seis pequenas bombas de 10 quilos ou quatro de 50 kg. Os Messerschmitts Bf 109 eram igualmente aparelhos de caça, e não bombardeiros pesados. Admitamos, no entanto, que levassem também uma bomba sob a barriga. E os “pesadíssimos” Heinkels He 111 e Junkers Ju 52 que atuaram na Espanha tinham uma capacidade máxima de 1.500 e 1.665 quilos cada um, respectivamente[11]. Naturalmente, o que está claro é que a versão de: “sobre Guernica caíram, na tarde de 26-4-37, 1.000 explosivas e 3.000 incendiárias —bombas—” é falsa[11].

9 De la Cierva. Opus Cit. Tomo III pág. 298.
10 Cambio 16 n. 218 de 9/2/1976.
11 Salvador Rello: “La aviación española”.
11 F.Bravo Morata “Guernica, el impulso...”



A posição de Guernica no avanço para romper o "cinturão de ferro" de Bilbao.

Quarenta e três aparelhos "pesados" da Legião Condor, dos quais é preciso descontar, como tais, os 16 aparelhos de caça e escolta (He 51 e Bf 109). O que dá um total de 27 aparelhos (vinte e três Ju 52 e quatro He 111). Vinte e sete aparelhos que, no máximo, podiam transportar o equivalente a três bombas de 500 kg cada um, o que dá um total de quinze bombas de 500 quilos!! Acrescentemos que, entre os caças Bf 109 e He 51, transportavam-se, além disso, no máximo dezesseis bombas de 10 kg e seis de cinquenta. Que espanto! A Grand Slam, utilizada normalmente pelas forças aéreas aliadas para bombardear cidades alemãs, pesava suas boas 22.000 libras (a miséria de nove toneladas), cada uma, claro, e as bombas de 1.000 quilos eram o pão de cada dia. As de 500 eram utilizadas para qualquer ação militar tática. Segundo um artigo aparecido em La Vanguardia[11], foi encontrada em Guernica, por uma escavadeira que trabalhava nas fundações de um novo edifício, uma bomba de fabricação alemã de 250 quilos. Sabemos assim, o tipo de bomba utilizado, ou seja, em vez de quinze de 500 quilos, trinta de 250 kg, o que, mais ou menos, dá no mesmo. Estas são as "superbombas" que, segundo a propaganda comunista, os alemães utilizavam na Espanha. Os aliados utilizavam essa

11 F.Bravo Morata "Guernica, el impulso..."

carga para destruir uma única quadra de qualquer cidade alemã, ou para o primeiro segundo de ataque sobre Monte Cassino, o mais intenso da guerra. Por que me refiro sempre aos bombardeios aliados?, alguns se perguntarão. Direi, para sua informação, que, ao longo de toda a guerra, os bombardeios de toda a Inglaterra, incluídos os ataques a Coventry, Londres e Liverpool, realizados pelos bimotores alemães, produziram cerca de 25.000 vítimas. Sir Arthur Harris fala de 43.000[12]. Número que, na Alemanha, os quadrimotores aliados produziam em uma só noite sobre qualquer cidade, por meio das famosas "tempestades de fogo". Digo tudo isto para que tenhamos uma ideia dos níveis em que nos movemos ao falar do tão alardeado "desastre de Guernica", com suas 30 bombas pesadas, 27 bombardeiros e 100 ou, no máximo, 300 vítimas.

"Na fase prévia do bombardeio participaram três trimotores Savoia 79, que partiram do distante aeródromo de Soria. Essa formação, antes de decolar, recebeu a seguinte advertência: "A localidade, por evidentes razões políticas, não deve ser bombardeada"[12]. Essa mesma advertência foi feita às unidades alemãs e nacionais, já que o Estado-Maior da Legião Condor era o organismo que distribuía as ordens às esquadrilhas italianas e espanholas que operavam na frente basca. Se os pilotos tivessem agido por conta própria, teriam sido julgados por um conselho de guerra.

"O bombardeio de Guernica foi experimental", dizem tantos, e ficam tão satisfeitos. Bem, como tudo o que a Condor fazia na Espanha, porque tudo o que foi realizado em combate serviu para extrair experiências úteis para a Luftwaffe, mas isso não quer dizer nada, nem sequer que tenha sido um bombardeio contra civis, como parece ser o que se alega. Foi um bombardeio militar, contra objetivos militares na primeira linha da frente, com a missão de destruir possibilidades bélicas do inimigo.

"A verdade é que uma bomba dos franquistas caiu por acidente na cidade, produzindo alguns danos, mas provocando a saída da guarnição republicana, e foram os esquerdistas, ao sair da localidade, que a incendiaram e causaram destroços". Isto diz o historiador mexicano José

12 Sir Arthur Harris "Ofensiva de bombardero"
12 De la Cierva, op. citada, p. 289

Vasconcelos[13]. Suponhamos, como deve ter ocorrido efetivamente, que em vez de uma fossem dez (não muitas mais, dada a carga que levavam, como demonstramos), e que o restante caiu onde devia cair: a estação ferroviária, a fábrica de armas Astra-Unceta, a ponte e a estrada, objetivos da Legião Condor, dos aparelhos italianos e nacionais. Dessa dezena de possíveis bombas caídas sobre a população, produziram-se pouco menos de uma centena de vítimas, uma cifra rigorosamente comprovada, que pode ser ampliada para 200, segundo uns[13], 250 segundo outros[13], e até mesmo 300. Façamos uma média entre os 100 e os 300, e deixemo-la em 200, sobre uma população de 5.000 habitantes. Isso mesmo ocorreu em muitas outras cidades espanholas e ninguém se lembra delas. Era a guerra, fosse de quem fosse a culpa, e na guerra morre gente. Noventa e oito, cem ou duzentas pessoas eram mais um tributo dos milhões de almas que, desde 1936 até dez anos mais tarde, seriam cobradas para impor a democracia, liberal ou "popular", no globo.

Guernica tal como a encontraram as tropas nacionais. Os moradores de Guernica ficaram sem casa, os nacionais com um crime nas costas, e a Legião Condor sem destruir seu objetivo —a ponte—. Quem saiu beneficiado de tudo isso?

13 De la Cierva, op. citada, p. 289
13 Castor de Uriarte. Cambio 16 n. 245.
13 Castor de Uriarte. Cambio 16 n. 245.

Utilizou-se uma declaração do marechal Göring no teatro montado pelos serviços de propaganda aliados em Nuremberg, para querer confirmar um "massacre" de Guernica, mal-intencionado e preparado de propósito. Parece ser —não pude comprová-lo, mas me declararam sobre Nuremberg muitas coisas que nunca foram declaradas— que, nos interrogatórios dos Srs. Maier e Sender, do Serviço de Investigação britânico, sobre Guernica, Göring respondeu: "Foi uma espécie de banco de provas da Luftwaffe". Isto se quis traduzir por algo assim como: o bombardeio contra civis, falaz e mal-intencionado, e o massacre; **em contrapartida, a localidade situada ao seu lado havia sofrido danos consideráveis. Também haviam sido destruídos os depósitos de material de guerra do inimigo, mas, em conjunto, a ação podia ser considerada um fracasso, tanto mais quando o objetivo de nossos comandos consistia em conseguir a destruição do inimigo, respeitando especialmente a população civil**"[14].

Galland continua, e aqui vemos que o Mito de Guernica já havia começado a ser propagado: **"Havia-se conseguido o contrário no ataque à ponte da estrada de Guernica e precisamente então, no instante de minha chegada à Espanha, isto era motivo de abatimento nas fileiras da Legião. Os legionários não gostavam de falar de Guernica. Em contrapartida, o lado contrário falou disso até pelos cotovelos e os vermelhos extraíram daquele infortunado acontecimento um considerável benefício propagandístico.** Na realidade, nem era cidade aberta, nem tampouco foi destruída".

Apesar desta franca declaração de Galland, Brian Crozier escreve: "Pobre Galland. Sem saber, ele próprio era vítima da propaganda vermelha. Não sabia, porque não se falou disso na imprensa, que os aviadores, seguindo suas ordens, com seus primitivos pontos de mira, haviam conseguido o milagre de destruir exatamente três quartos da pequena cidade basca, deixando intactos os edifícios oficiais e o famoso carvalho"[15].

14 Adolf Galland. Obra citada pág. 35.
15 B.Crozier "Franco, crepúsculo de un hombre"

Digamos, para esclarecer melhor as coisas, que as colunas de fumaça sobre as quais a Condor lançou bombas podiam ter sido causadas tanto por aparelhos que tivessem chegado antes do grupo de aparelhos, como, conforme apareceu publicado recentemente por um basco que lutou com os nacionais, pelos primeiros incêndios provocados.

Aqui começa a outra grande verdade, a de que Guernica foi incendiada, também, pelas tropas de ocupação republicanas.

Guernica, que não era cidade aberta, foi bombardeada por erro e de forma isolada por um mínimo de bombas.

GUERNICA, DINAMITADA

Aceitamos, após um estudo de todas as versões e possibilidades, que caíram algumas bombas sobre a cidade. Não é exatamente isso que defende a propaganda democrática, mas a história não dá mais de si; deverão conformar-se com algumas bombas por erro, e nada mais. Mas, do mesmo modo, a história aceita fatos comprováveis. As tropas vermelhas incendiaram Guernica e consumaram sua verdadeira destruição total, evacuando-a antes com a população. O coronel José Gomá, em uma obra escrita como militar, declara: "**A 1ª Brigada de Navarra, a que havia aberto o caminho, entrava em Durango, protegida pela aviação. Guernica foi ocupada, explodida pelos marxistas em sua retirada**"[16].

É interessante a declaração do general Martínez Esparza[17] sobre a detenção de um motociclista inimigo, no diário de operações: **"vai a Marquina levar uma ordem para que as forças que ocupam essa povoação se retirem para Guernica e se unam à defesa desta vila, onde nos é comunicado que está chegando uma divisão inimiga procedente de Bilbao. Adiantamo-nos em nosso carro até os blindados e contemplamos o grandioso espetáculo de Guernica, em cuja estação ferroviária de Pedernales se encontra um trem militar que acaba de chegar trazendo forças..."**.

16 Coronel Gomá: "La Guerra en el aire" 207
17 L. Bolín; "Los años vitales".

Uma prova evidente, outra, de que Guernica era ponto forte na linha de combate.

O Diário de operações da Quarta Brigada de Navarra, unidade que ocupou Guernica em 29 de abril, diz textualmente: "**A Brigada, continuando seu avanço, ocupou hoje Urca, cota 189, Rentería, Ajanguiz, Guernica, Luno e Monte Aiserrota. Guernica se encontra quase deserta e aparece totalmente destruída; o pouco que resta de pé, no momento de emitir o comunicado, ainda está ardendo. A Árvore e suas dependências ficaram sob a custódia de uma companhia de requetés de Navarra... apresentaram-se muitíssimos paisanos e famílias que se dirigem a Guernica, já libertada, presenciando-se cenas tristíssimas ao se depararem com suas casas totalmente destruídas ou totalmente saqueadas**"[18].

Outro comunicado, neste caso do Exército do Norte, de 28 de abril, diz:

"Fugitivos bascos contam espantados a tragédia de vilas como Guernica, queimada e destruída quase totalmente pelo fogo intencional dos vermelhos, estando nossas tropas a mais de quinze quilômetros de distância... depois de incendiar suas melhores cidades, tentam culpar a aviação nacional por tais atos de barbárie... Guernica não constituía objetivo militar para a aviação nacional..." "Ao dizer esta parte que Guernica não constituía um objetivo militar, refere-se naturalmente ao núcleo urbano, e não à estação ferroviária, fábrica de armas e cruzamento de estradas".

Isto diz Luis Bolín em sua obra[19], e faz uma indicação interessante. Nenhuma dessas partes estava destinada à publicidade. Indicam somente o que se viu e se fez em marcha sobre a frente de combate. Eram diários de operações, e não propaganda do lado nacional.

18 Idem.
19 Idem.

Todos concordaram que Göring é o culpado. Os democratas, porque ele já não está aqui para poder falar; os comunistas, para afundar o inimigo; e algum autor nacionalista, para tirar o corpo fora e, de passagem, ficar como um rei diante de todos.

O mais curioso das destruições que arrasaram tantos edifícios é que respeitaram, casualmente, a Árvore de Guernica e as construções adjuntas, o que teria sido impossível se tais destroços tivessem sido efetuados a partir do ar. Os que destruíram Guernica tiveram o cuidado de não danificar a árvore pela qual tantos, do lado nacional e republicano, sentiam grande admiração.

Dois magistrados e dois engenheiros da Espanha nacional redigiram um relatório sobre a destruição de Guernica, chegando às seguintes conclusões:

“Primeiro, Guernica foi ocupada pelas tropas bascas em 25 de abril. Segundo, naquele dia o mercado se encontrava pouco frequentado e abastecido, pois os vizinhos haviam sido avisados de uma “destruição iminente”. Terceiro, a cidade foi bombardeada intermitentemente por aviões, sendo as baixas inferiores a uma centena. Quarto, a cidade foi destruída pelos vermelhos que estavam em seu interior, incendiando-a”. Conclusões realizadas por técnicos e que surpreendem por sua

neutralidade no assunto, que dão, além disso, um resumo muito aproximado da verdade total.

Transcrevemos a seguir um artigo do general Martínez Esparza, publicado na revista Ejército sobre suas recordações da ocupação de Guernica: "... **consequência do incêndio intencional e do emprego da dinamite ordenados pelo Governo vermelho. Eles não contavam que nossa ocupação fosse tão rápida, e por isso havia restos fumegantes do incêndio e viam-se os fornilhos para a dinamite, alguns nos andares altos dos edifícios. Antecipamo-nos tanto que pudemos capturar o jornalista francês que haveria de ser testemunha interessada da destruição e o deputado basco que o acompanhava nessa missão, destinada a diminuir a simpatia por nossa causa no exterior**"[20].

Brian Crozier menciona a declaração de uma testemunha presencial chegada a Guernica dois ou três dias depois de sua destruição:

"**...havia reparado em um fato essencial: a população havia sido arrasada em três quartas partes, mas o bairro em que se encontravam a árvore sagrada, o Conselho Basco e a Igreja de Santa María la Antigua havia ficado intacto...**" **advertia-se que —fosse pela razão que fosse— aqueles que haviam destruído Guernica respeitaram os lugares sagrados do povo basco, embora não tenham mostrado igual respeito pelas moradias de seus habitantes**"[21].

Crozier, autor britânico, fala de certos telegramas encontrados nos arquivos secretos da Wilhelmstrasse:

"**...fiquei espantado ao perceber o estupor que aqueles telegramas refletiam. Era evidente que os alemães nada sabiam do caso de Guernica e, levando em conta o caráter secreto daqueles telegramas, isto é, que não estavam destinados a ser publicados no decorrer de muitos anos, não havia razão alguma para ocultar ou falsear a verdade neles... concluí que, com toda probabilidade, os nazistas,**

20 Idem.
21 Brian Crozier: "Franco, crepúsculo de un hombre", p.155 a 165.

apesar das muitas atrocidades pelas quais eram responsáveis, não foram os culpados pela destruição de Guernica”[22].

Existe outra declaração mencionada por Crozier, a de um ex-parlamentar e comandante de ala da RAF, o coronel Sir Archibald James. Este visitou a Espanha nove vezes durante a guerra civil. Em uma ocasião, deteve-se em Guernica, justamente quando acabava de ler o famoso telegrama do correspondente do “Times” de Londres, Georg Lowther Steer, no qual dava a terrível notícia da destruição de Guernica e da matança de sua população por aviões nazistas, com os famosos grandes títulos: “A cidade aberta de Guernica bombardeada por aviões boches”. Sir Archibald James averiguou, entre outras coisas, que o correspondente do Times, Steer, jamais esteve em Guernica, e fixou-se no fato interessante de que Guernica havia sido queimada sistematicamente até o nível do solo e que sua destruição era absolutamente uniforme. O coronel da aviação britânica acrescenta textualmente:

“**Um dos poucos habitantes ainda presentes me disse que alguns aviões haviam sobrevoado a localidade e lançado bombas. Por isso comecei a procurar crateras, mas não encontrei sinal algum de danos causados por bombardeio. Com isso não quero dizer que não pudesse haver vestígios de bombardeio, já que teria sido difícil descobrir crateras pequenas. De todo modo, não consegui encontrar crateras grandes, nem sinais evidentes dos efeitos das explosões. Percorri a cidade duas ou três vezes e, sim, encontrei aproximadamente uma dezena de crateras de bombas, a uns cem metros do perímetro da cidade. Todas as bombas eram do tipo que, na Primeira Guerra Mundial, teríamos classificado como de dez quilos. O verdadeiramente revelador da destruição consistia em que o quadrante noroeste, onde se encontravam a prefeitura, precioso edifício medieval, o carvalho sagrado e a catedral, estava intacto. Nem um único sinal de dano de qualquer espécie. Nos três quadrantes restantes, a destruição era, como eu disse antes, completamente uniforme e causada pelo fogo. Se os danos tivessem sido causados por bombardeio aéreo —com bombas explosivas ou bombas incendiárias—, seria totalmente inconcebível**

22 Idem.

que a precisão dos bombardeiros fosse tal que tivesse deixado aqueles limites da destruição, isto é, um quadrante intacto”[23].

Esta declaração tem tanto mais interesse na medida em que as observações são feitas como profissional, isto é, comandante de ala da RAF, um aviador consumado.

Existe um relatório, sobre o qual não vamos nos estender, do lado nacionalista —portanto, parte interessada—, mas que faz algumas indicações técnicas de interesse. Nesse relatório, atribui-se a maior parte da destruição da vila a explosões subterrâneas em nove pontos distintos, todos eles contíguos a saídas de ar ou respiradouros do esgoto. Aceitando essa tese, fica descartada toda ideia de um bombardeio massivo, dado que, como dizem Sir Archibald James e o próprio Galland, os meios de pontaria aérea em 1937 eram tão rudimentares que teria sido assombroso ou impossível que os pilotos alemães colocassem seus projéteis com uma precisão sem precedentes exatamente em cada um dos nove respiradouros do esgoto da cidade.

O citado autor britânico faz uma interessante contribuição cronológica. Segundo quase todas as versões, os aparelhos da Condor apareceram sobre Guernica por volta das 16h30 do dia 26 de abril e desapareceram, os últimos, por volta das 7h45. Crozier comenta:

“**Várias testemunhas declararam que ouviram explosões durante a noite de 26 para 27. E todas as testemunhas estão de acordo em que, uma vez entrada a noite, não voaram aviões sobre a cidade. Outras testemunhas afirmam que, às oito da noite do dia 26, só ardia uma quarta parte da cidade, que a milícia republicana não permitia que se combatessem as chamas, e que várias casas não começaram a arder até o dia 27 ou 28 e, em um caso, até o dia 29**”[24].

Portanto, segundo isto, o bombardeio devia estar descartado, pois seus efeitos destrutivos e incendiários ocorreram muito depois de o último aparelho desaparecer.

23 Idem.
24 Idem.

Ele próprio menciona a obra de Herbert Southwort “A destruição de Guernica”, um norte-americano que cita um fragmento do relatório oficial nacionalista:

“**Durante três horas e meia, e ao longo da noite seguinte, os habitantes de Guernica ouviram explosões ensurdecedoras que estalaram na cidade... as explosões ouvidas na cidade pelos habitantes de Guernica foram causadas por detonações de dinamite nos bueiros e em outras partes da cidade, segundo planos prévios do governo basco**”[25].

Segundo declarações recolhidas pelo mesmo autor, diversas testemunhas que ele menciona com nomes e sobrenomes confirmam que, durante a noite daquele mesmo dia 26, a partir das 10 ou 11 da noite, ouviram-se explosões no interior da cidade e que continuaram até o amanhecer; segundo outra testemunha, eram ouvidas a alguns quilômetros da cidade. Explosões que, assinala, não podiam ser devidas a bombas incendiárias com defeitos de fabricação, pela simples razão de que as bombas incendiárias não explodem.

O fogo poderia ter sido extinto ao entardecer do dia 26. Mas isso não foi feito; cabe supor que, como as autoridades republicanas tinham a intenção de prosseguir deliberadamente com a destruição da cidade, daí as explosões noturnas.

Se a organização e a tradição germânica de fidelidade valem de algo, diremos que, segundo o Rügen, Departamento para o Estudo de Resultados, órgão dedicado ao arquivo de informações e à obtenção de dados de ataques realizados para seu aproveitamento em operações posteriores, a ação da Legião Condor sobre Guernica ocorreu no dia 26 de abril, tinha como objetivo a ponte do cruzamento da estrada oeste, contou com a participação de 9 aparelhos que voavam a uma altitude de 2.300 metros, realizaram um único voo e lançaram 9 bombas de 250 quilos e 114 de 50 quilos, somando um total de 7.950 kg; o ataque teve início às 16h30 e duração aproximada de 3 horas[26].

25 Idem.
26 Karl Ries e Hans Ring “Legión Condor”. 1936-1939. Verlag Dieter Hoffmann. Mainz.

Segundo Wilfred von Oven31, o Mito de Guernica em nível internacional foi montado em um gigantesco arranjo pelo judeu Willi Münzenberg, agente soviético residente em Paris[27].

Em geral, creio que, com o que foi dito, podemos tirar algumas conclusões.

Guernica, que era lugar de passagem no avanço das tropas franquistas, era um objetivo militar, entre outras coisas, pelas tropas que abrigava pelo menos no dia 26 e porque havia sido escolhida como ponto de contenção da retirada da frente oriental, ou era igualmente, porque a estrada, a ponte e a ferrovia serviam para o transporte de armas e tropas.

Aviões do lado nacional bombardearam a estrada, a ponte e a estação ferroviária, causando destroços em alguns edifícios contíguos a seus objetivos, devido à má visibilidade e à falta de precisão dos instrumentos da época.

O Governo republicano ordenou o incêndio e a destruição de Guernica seguindo o princípio soviético da “terra arrasada”, coisa que foi realizada por tropas republicanas.

Enquanto o bombardeio de Guernica foi uma missão exclusivamente militar, destinada à destruição do potencial bélico inimigo, a destruição total da cidade foi uma ação política com a intenção de combater ideologicamente o inimigo e criar propaganda de atrocidade desfavorável a ele.

Versões romanceadas como a de Morgan e Witts (os mais sérios coincidem nisso) pretendem afirmar que as vítimas não foram 100 nem 250, mas vários milhares de mortos e feridos[28], outros falam de uma ordem premeditada de Franco por seu ódio contra os bascos, outros que a Legião Condor começou em Guernica a testar seus premeditados bombardeios massivos da II Guerra Mundial —que nunca ocorreram como hoje são concebidos—.

27 Wilfred von Oven: “Hitler und der Spanische Bürgerkrieg”. Grabert. Tübingen 1978.
28 Thomas e Witts: El día en que murió...

Para terminar, e a modo de anedota, diremos que o famoso "Guernica"[29] de Picasso já havia sido encomendado e sua realização iniciada antes da destruição da vila. Ao malaguenho só faltava um bombardeio.

Pedro Varela

29 Vizcaíno Casas: Viva Franco, con perdón.

O bombardeio de igrejas era ESTRITAMENTE PROIBIDO durante a Guerra Civil Espanhola

O ataque aéreo realizado pela Legião Condor alemã em 26 de abril de 1937, como apoio aliado às forças nacionalistas de Franco, não foi um ato de terror planejado nem um “teste”, embora essa ideia continue sendo repetida até hoje. A partir de um artigo baseado em entrevistas com participantes e documentos sobreviventes da Luftwaffe, especificamente uma história inédita da Legião Condor do ano de 1940, de Alfred de Zayas, publicada na Revista da Bundeswehr em 1974, ficamos sabendo o seguinte:

Foi ordenado um ataque aéreo contra a ponte e o cruzamento de estradas a leste de Guernica. Todas as ordens da Condor eram estritas quanto a poupar as cidades e, muito especialmente, as igrejas. (Sabendo disso, os “Rojas” [Vermelhos] armazenavam munição nas igrejas, explodindo-as quando não conseguiam retirá-la). Somente em casos especiais era permitido atacar alvos militares dentro das cidades[30].

30 The Artist Within the Warlord: An Adolf Hitler You've Never Known, Page 80/81